

EDITORIAL

Finda esta segunda guerra mundial, quando nos é dado analisar fria e serenamente o seu perigoso desenvolvimento, podemos ter a conta exata de quanto esteve proxima a consumação da vitória nazista.

Três elementos impediram o desastre: a resistência britânica, o valor do Exército Vermelho e o poderio norte-americano.

A resistência britânica foi, verdadeiramente, decisiva. Sem ela, na firmeza, na determinação, no heroísmo de que se revestiu, a guerra teria terminado após a queda da França, quando a Inglaterra ficou sozinha na arena, sob os golpes brutais da máquina militar nazista, despótica dominadora de todo o continente europeu.

Mas as Ilhas Britânicas não cederam. A esquadra e a força aérea escoraram a poderosa Wehrmacht nas praias da Mancha e o povo inglês se resignou ao castigo que lhe vinha, implacavelmente, pelo ar.

Qualquer falha, qualquer esmorecimento, qualquer debilidade quando os germânicos desencadearam furiosamente a chamada "batalha da Inglaterra", e tudo estaria perdido. A resistência britânica foi, pois, decisiva.

Não menos importante, porém, foi a conduta dos russos, primeiro resistindo, por sua vez, quando Hitler os acometeu maciçamente, depois derrotando e dismantelando, em etapas sucessivas, as imensas forças alemães.

O Exército Vermelho, foi, em verdade, o instrumento que quebrou o ímpeto e desgastou a máquina militar germânica. Compreende-se que nas ações desenroladas na Rússia, a Wehrmacht se comprometeu substancialmente. Aquelas batalhas foram um verdadeiro sorvedouro do moral e do aparelhamento germânicos. Depois delas tornou-se

muito mais viável o retôrno dos exércitos aliados ao continente europeu.

O terceiro fator da vitória foi o poderio norte-americano.

A grande nação de Roosevelt transformou-se, num instante, no mais vasto e eficiente arsenal que o mundo já conheceu.

Numa guerra essencialmente técnica, como foi essa, a primeira batalha a disputar era a batalha da produção, e os norte-americanos souberam ganhá-la.

Socorreram todos os povos em luta, acudiram com seus fornecimentos todos os teatros de operações, e armaram, êles próprios, milhões e milhões de soldados.

Não foi, todavia, apenas na produção de material bélico e equipamentos que se afirmou o poderio dos Estados Unidos. Êsse poderio foi ainda decisivamente sensível no volume e no valor dos seus combatentes.

Bateram-se numerosos exércitos norte-americanos nas diferentes frentes aliadas, experimentando todos os tipos de luta — a das selvas, nas ilhas do Pacífico; a das montanhas na Itália; a do

deserto, na África; a das planícies, na França. Impuzeram-se em violentas batalhas navais, que importaram na destruição do poder naval japonês. Conquistaram para os aliados a supremacia aérea e foram os autores dos bombardeios de precisão, mediante os quais ficaram desmanteladas as indústrias daquele país e desorganizadas as comunicações em que assentava a sua estratégia.

Esses três elementos, portanto — a resistência britânica, o valor do Exército Vermelho e o poderio norte-americano — deram a vitória às Nações Unidas. Nenhum, por si só, queremos crer, seria suficiente.

O aparecimento da bomba atômica, que determinou a rápida rendição dos nipônicos, já nitidamente derrotados, não invalida esse conceito. Em verdade o destino desta guerra se decidiu no quadro europeu, em três etapas: I — quando a Alemanha não conseguiu subjugar a Inglaterra; quando o Exército Vermelho superou as forças que deviam abatê-lo; III — quando os Estados Unidos lograram intervir com a plenitude do seu potencial humano e material.